



A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA¹

Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

Mestranda

Programa de Pós-graduação Educação Cultura e Linguagem PPGEDUC/UFPA.

Email: Sirlanny.ramos@gmail.com

Orientador: Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo

Prof. Dr. em Educação

Professor Dr., da Universidade Federal do Pará-Abetetuba e professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário de Cametá/UFPA; falabelo@ufpa.br

Resumo: A presente pesquisa tem como tema “A constituição da subjetividade da criança: uma reflexão sobre a contribuição da escola”. Na qual, o principal objetivo se centra em analisar as marcas da escola na constituição da subjetividade da criança, buscando compreender como as práticas escolares vem provocando transformações em sua formação. Assim, para o alcance dos objetivos de tal estudo, considerou-se de suma importância fazer uma reflexão acerca da compreensão do conceito de subjetividade, assim como seu processo de constituição, a partir de uma análise pautada na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano elaborada por Vygotsky e colaboradores, também recorreremos as contribuições de Bock e Gonçalves, por serem autores que assim como Vygotsky compreendem o sujeito pautados na perspectiva sócio histórica. Sendo está, portanto, a proposta deste texto.

Palavras chave: Subjetividade. Sujeito. Relações sociais, Linguagem

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Educação Cultura e Linguagem, do programa PPGEDUC/UFPA do Campus de Cametá/PA, é uma pesquisa inicial e, portanto, encontra-se em construção. Busca-se assim, compreender “A constituição da subjetividade da criança fazendo uma reflexão sobre a contribuição da escola”.

Uma vez que, a escola é um importante espaço social, onde a criança não só se constitui, mas amplia sua subjetividade. No entanto, ela deve estar comprometida com seu papel nesse processo para assim, se tornar um lugar criativo, que provoque e desafie a criança a querer se apropriar do conhecimento, de modo a fazer com que sua consciência se desenvolva para fazê-la pensar o mundo, pensar o outro e a si mesma.

Assim sendo, propõe-se com esta pesquisa analisar as marcas da escola na constituição da subjetividade da criança, buscando compreender como as práticas escolares vem provocando transformações na sua formação.

¹ Pesquisa de mestrado em Educação Cultura e Linguagem PPGEDUC-UFPA



Em sentido específico, espera-se verificar como o aluno é visto no contexto escolar e como estão sendo pensados nos processos formativos, assim como também, pretende-se analisar os fatores que contribuem para a constituição da subjetividade do aluno, procurando, além de buscar investigar a relação da criança com o conhecimento e as práticas disponibilizadas em sala de aula, analisando como suas subjetividades estão sendo atingidas significativamente por elas.

É de suma importância ressaltar que até o momento a pesquisa pautou-se em realizar levantamentos bibliográficos e reflexões sobre o tema em discussão. Desta forma, o presente texto apresentará de forma breve os principais resultados que se obteve nesta fase bibliográfica.

Pretende-se futuramente aprofundar as discussões sobre como a escola vem se estruturando enquanto espaço de constituição de subjetividades, procurando evidenciar as práticas escolares, e as relações de ensino e aprendizagem como impulsionadoras no desenvolvimento da criança. Mas, antes de adentrarmos nessa questão, inicialmente considerou-se imprescindível fazer uma reflexão acerca da compreensão da constituição do sujeito e de sua subjetividade, bem como dos fatores que interferem nesse processo.

Revisão da literatura

Para entender o termo subjetividade e os processos pelos quais, ela se constitui, recorreu-se aos fundamentos da abordagem histórico-cultural, elaborada por Vygotsky e seus colaboradores. Contudo, este autor é a base fundamental desta pesquisa.

Vygotsky, em nenhuma de suas obras fez referência ao conceito de subjetividade, mas ao estudar os processos de formação da consciência deixava margens suficientes para se pensar essa questão. Autores como, Molon, Bock e Gonçalves, propuseram-se a refletir sobre a constituição da subjetividade no enfoque sócio histórico, considerando a abordagem vygotskyana nas suas discussões, em vista disso, esses autores são importantes para a compreensão do que vem a ser a subjetividade e os processos pelos quais ela se constitui.

Discursão e breves resultados

Partindo da perspectiva vygotskyana em síntese o termo subjetividade indica a singularidade do pensar, da expressão de opiniões, sentimentos e comportamentos, valores ou atitudes. Assim, trata-se de algo intrínseco a cada pessoa que engloba todas as suas dimensões,



como as físicas, afetivas e emocionais, e que se constitui nas experiências da vida, no contato com a diversidade cultural e nas relações sociais em meio a um grupo de pessoas.

Sendo assim, de acordo com Boock e Gonçalves:

[...] a subjetividade não está dada, nem para cada indivíduo, nem como processos ou estruturas universais da humanidade, mas configura-se como algo que se constitui nas relações sociais e históricas; é processo que decorre de situações concretas que incluem, necessariamente, a atividade, objetiva e subjetiva, do indivíduo. (2009, p.142)

Deste modo, não é algo que se atribui ao sujeito, assim como também não é um processo pré-estabelecido, com início meio e fim, ao contrário dessa ideia a subjetividade é um processo, que se realiza na atividade da vida humana.

Por isso, pensar o sujeito e a constituição de sua subjetividade a partir da abordagem histórico-cultural significa partir do pressuposto de que o homem para atingir a consciência passa por um longo processo evolutivo que vai além de sua condição biológica. Trata-se, assim de um percurso que está inteiramente relacionado a uma história, a culturas, e a um conjunto de relações sociais, que se inicia muito cedo, com o nascimento do sujeito e se perpetua por toda sua vida. Como destaca Bock e Gonçalves “suas ações e experiências individuais subjetivas só são possíveis a partir das relações sociais e do espaço da intersubjetividade, pois falamos de um sujeito que é social e histórico” (2009, p. 142).

O processo constitutivo do sujeito atravessa uma relação dialética entre o homem com a natureza e dele com os outros membros de sua espécie. O homem é inserido a uma história cultural dinâmica que dão formas as suas relações, o faz se apropriar de hábitos crenças, valores, atitudes e pensamentos. Logo, o desenvolvimento do indivíduo é sempre mediado na relação eu-outro, o eu inserido na cultura do outro, vai aos poucos se apropriando de tudo aquilo que está a seu redor e constituem a realidade.

Através do outro, o sujeito se percebe dentro de um contexto de significações, e a partir dele desenvolve habilidades físicas, afetivas e cognitivas, aprende a se comunicar através da fala, por um gesto ou mesmo por um olhar, aprende a usar os instrumentos a serviço de sua individualidade e a expressar seus sentimentos. Como enfatiza Bock e Gonçalves (2015, p.103) ”é a partir da consciência de si e da consciência do outro que o plano singular da subjetividade se imbrica com o plano individual da subjetividade.



A subjetividade do sujeito, portanto, vai sendo moldada de acordo com as influências da cultura, marcada pelo momento em que seus processos psicológicos superiores começam a se desenvolver e a ganhar forma. O outro a partir de suas experiências atribui sentido a realidade e conduz o indivíduo a se apropriar de modos culturais produzidos historicamente, modos esses que o orienta e controla seu comportamento. Desta forma, para Molon (2003, p.118) “a subjetividade e o sujeito são compreendidos na realidade social e na vida social, vista está como, primordialmente histórica”. O sujeito vai aos poucos se apropriando de uma história cultural, interage, sistematiza e organiza suas experiências diretas, compreende a realidade e os aspectos que a constituem, tornando-se assim, um alguém consciente no controle do próprio comportamento.

Neste sentido Bock e Gonçalves (2009, p.147) ressaltam que “essa conceituação parte da compreensão de que a subjetividade é individual, mas constituída socialmente. Os elementos presentes na subjetividade decorrem de capacidades individuais, relativas as possibilidades de registro das experiências vividas”.

Um processo que está mediado pelo uso dos sistemas simbólicos, que se trata de instrumentos e sistemas de signos, elementos que segundo Vygotsky (2007) foram desenvolvidos pelo homem para facilitar sua sobrevivência, e pelos quais levam o sujeito à compreensão da realidade e de tudo que a constitui. Sendo a linguagem segundo Vygotsky (2006) o mais importante dentre os sistemas de signos.

A vista disso, cabe-se aqui destacar o importante papel da linguagem no desenvolvimento da subjetividade humana, pois é através dela, da comunicação que o sujeito vai aos poucos experimentando e se apropriando do conhecimento, dos sentimentos, dos significados de tudo aquilo que o mundo acumula. Pois, segundo Bock e Gonçalves:

“A linguagem dobra o mundo perceptível, criando um mundo de imagens internas. Não se trata, evidentemente, de uma imagem especular do mundo, do externo, da coisa. Trata-se de uma construção peculiar (porque é humana, que engendra aquilo que convencionamos chamar de subjetividade) (2015, p. 96).

A linguagem por meio de suas várias formas permite ao homem construir valores e condutas sociais, permite que os conhecimentos, as estruturas e comportamentos sociais sejam interiorizados, ou internalizados como denominou Vygotsky. A criança então internaliza e organiza os significados dos objetos apresentados a ela e, assim constrói sua própria forma de compreender a realidade.



Conclusão

Neste texto apresentou-se uma breve síntese do percurso de desenvolvimento desta pesquisa de mestrado, que se concentra em compreender a contribuição da escola na constituição da subjetividade da criança. As revisões bibliográficas centradas na perspectiva histórico cultural do desenvolvimento humano levaram a uma compreensão social do conceito de subjetividade, nestas vias a subjetividade se caracteriza como um movimento contínuo que envolve toda vida do sujeito.

Assim, constituição da singularidade do homem trata-se de um processo fruto das relações com o meio e com os outros homens. Uma relação dialética que a partir do processo de mediação permite ao ser humano se apropriar de modos culturais, valores, ideias, sentidos e significados, orientar e determinar seu próprio comportamento. Tendo a linguagem como principal instrumento de mediação, pois através de suas várias formas de comunicação a criança tem acesso a um universo de significados culturais, os internaliza, ressignifica-os expressando posteriormente de seu modo, de como ver e compreende o mundo. Nesse processo o indivíduo encontra possibilidades de desenvolver sua consciência e de ampliar as possibilidades de auto regulação de sua conduta, de produzir sua própria forma de pensar e agir sobre realidade, sobre os outros e a si mesmo.

Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo das psicologias. 13ª ed. Saraiva, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícones, 2006.